

CÉLIA Farjallat, educadora e jornalista. Popular, Campinas, 04
set. 2002.

Em 1965, pelas páginas do **Correio**, a educadora e jornalista Célia Siqueira Farjallat iniciou uma grande campanha pela construção de monumento em memória de John Kennedy, o presidente americano assassinado a 22 de novembro de 1963 em Dallas, Texas. O monumento foi concretizado, em obra do escultor Lélío Colucini, e instalado em uma praça na avenida Barão de Itapura, nas proximidades do Liceu Salesiano Nossa senhora Auxiliadora.

Esta é apenas uma das inúmeras marcas deixadas por Célia Farjallat ao longo de uma trajetória de décadas voltadas para a Educação e para o Jornalismo, e especialmente para o **Correio Popular**. Dona Célia, como é conhecida por todos que a admiram, começou a escrever para o **Correio** na década de 1940.

Nascida em 1917 e formada professora pela antiga Escola Normal, atual “Carlos Gomes”, uma de suas grandes paixões, Dona Célia também se tornou uma das primeiras mestras no ensino de inglês em Campinas, em um período em que o francês ainda era a língua estrangeira “oficial” ministrada nas escolas públicas.

Além da própria “Carlos Gomes”, ela lecionaria ainda no famoso Colégio Culto à Ciência, no “Cesário Motta” e, durante seis anos, em uma escola pública em Itapira. Entre seus milhares de alunos, o arquiteto e ex-prefeito Antônio da Costa Santos.

“Antoninho”, como Dona Célia chama, elaborou voluntariamente um estudo sobre as necessidades arquitetônicas para a reforma da Escola “Carlos Gomes”, um dos principais itens do patrimônio histórico do centro de Campinas. “Que barbaridade, ele era tão moço e idealista”, protesta a professora-jornalista, que durante alguns anos presidiu a Associação dos Amigos da “Carlos Gomes”.

Dona Célia recebeu as noções da língua inglesa do britânico William Collier. Vem desta influência a sua

extrema fidelidade a William Shakespeare, que ela lê e relê – no original – sempre (“Shakespeare é um modelo”, ela define), ao lado de outros autores como Tolstói, Milton (“Paradise Lost é uma coisa”, comenta) e, entre os nacionais, Machado de Assis, Gilberto Freyre (“influenciou muito a cultura brasileira”), Raquel de Queiroz, Monteiro Lobato e – surpresa para muitos – José de Alencar. “Ele é tão meloso, mas como escreve bem”, explica a professora.

Essa compulsão pela leitura é, segundo Dona Célia, um dos segredos da sua vitalidade. O outro, o vegetarianismo. “Sempre fui, quando criança eu provocava espanto em casa porque não comia carne”, lembra.

Leitora voraz e vegetariana assumida, transpira juventude nas vésperas de completar 85 anos. Com cinco filhos, 14 netos e 10 bisnetos, ela costuma dizer que a família vem em primeiro lugar, mas que o **Correio** é sua segunda casa. “Hoje venho menos, mas antes meus filhos reclamavam porque, segundo eles, estava mais no **Correio** que em casa”, conta.

Com esse longo itinerário no jornal, Dona Célia acompanhou de perto todas as transformações tecnológicas e editoriais da Imprensa nacional e local. Ela lembra que, durante o funcionamento da redação no prédio da rua Conceição, depois de redigir os seus textos levava pessoalmente os originais para a montagem dos tipos na oficina, que funcionava no térreo. Eram os tempos do “chumbão”, como eram conhecidos os tipos de chumbo montados com paciência pelos funcionários da oficina.

Somando-se a uma visão mais ou menos comum, a educadora-jornalista entende que anteriormente a Imprensa era praticada “com mais emoção e romantismo”. Mas não nega a importância dos avanços, inclusive tecnológicos. “O que existe hoje de fonte de informação é formidável”, resume.

Uma das principais preocupações de Dona Célia em cerca de seis décadas de Jornalismo sempre foi a Infância e a Juventude. Ela foi uma das colaboradoras principais do *Correio Feminino* nesse sentido. Na sua perspectiva, hoje existe uma maior inquietação com os destinos dos jovens, mas lamenta que ainda encontre tanta criança abandonada pelas ruas. “Dá um remorso que me sacode, queria ter feito mais por elas”, diz.

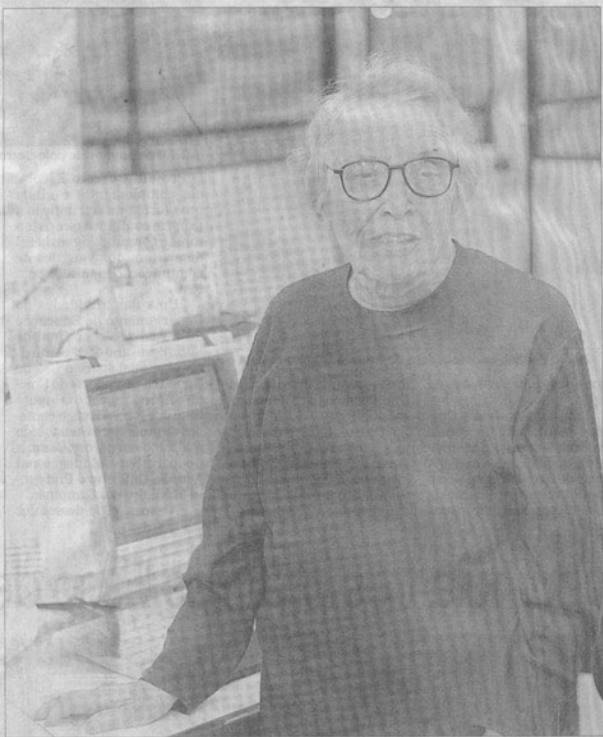
O reconhecimento à contribuição de Célia Siqueira

Farjallat para a Imprensa, para a Educação e para a Cultura em Campinas e no Brasil é absoluto. Entre outros prêmios, já recebeu o título Jornalista Amiga da Criança da ANDI (Agência de Notícias dos Direitos da Infância) e o Troféu Jornalista Solidário, da Fundação FEAC.

Alguns momentos da passagem pelas redações dessa aristocrata senhora são deliciosos. Quando o *Correio* tinha sua redação na rua Conceição, certa vez Dona Célia foi a única a permanecer na sala, que havia sido invadida

por um morcego. Todos presentes, homens e mulheres, correram e chamaram por ela. “Espera aí, vou terminar meu artigo”, disse, com a soleidade britânica que a caracteriza, embora seja uma pessoa com um humor finíssimo.

Aristocrata, mas com um refinado gosto pela cultura popular. Ela confessa – olha aí outra surpresa – adorar a música sertaneja. “Mas a de raiz, não essa que é feita por aí”, explica rapidinho a professora-jornalista, sempre surpreendente, sempre ensinando.



Célia Farjallat, na redação do Correio Popular: mais emoção e romantismo